

SKA, Jean-Louis. *O Antigo Testamento: explicado aos que conhecem pouco ou nada a respeito dele*. Trad. Leonardo Agostini Fernandes. São Paulo: Paulus, 2015. ISBN: 978-85-349-4182-2.

Acabou de chegar ao Brasil, em língua portuguesa, a obra introdutiva ao Antigo Testamento, escrita originalmente em italiano, do famoso biblista belga e professor do Pontifício Instituto Bíblico, Jean-Louis Ska. Trata-se de uma obra simples e acessível ao público em geral.

No primeiro capítulo, o Autor levanta uma interrogação fundamental: por que a Bíblia é tão pouco lida? Explica ele que uma das causas é a falta de encorajamento das autoridades eclesásticas, sobretudo após a Reforma protestante, quiçá em virtude de uma reação contra um dos lemas essenciais de dito movimento, isto é, o da *sola Scriptura*.

Para Ska, contudo, dois pontos constituem o cerne deste problema. Primeiro, o fato de que, em nossos dias, fazemos uma leitura fragmentada do texto bíblico, procurando trechos que respondam às necessidades ou acontecimentos do momento. É o que ele chama de leitura “antológica”. Ora, isso traz como consequência uma função predeterminada do texto sagrado: a leitura deve, antes, apresentar respostas às perguntas do indivíduo. Em segundo lugar, a linguagem pouco acessível, ou seja, a falta de explicações que acompanhem as Escrituras. Apesar da existência de publicações com o objetivo de fornecer tais esclarecimentos, há, por outro lado, o perigo “de se compreender só parcialmente os seus significados ou ainda

de se escolher uma via errada” (p. 14). O Autor declara, por sua vez, que o objetivo de seu trabalho é procurar resolver estes problemas, mediante uma linguagem simples, oferecendo comentários que ajudem a compreender melhor o texto sagrado. Podemos dizer, desde logo, que tal objetivo foi alcançado satisfatoriamente.

No capítulo seguinte, o teólogo jesuíta explica o que se entende por “Bíblia”, em particular o Antigo Testamento. Chama-a de “Biblioteca Nacional”, no sentido de que recolhe os escritos fundamentais do povo israelita. De fato, trata-se de uma coleção de livros com gêneros literários variados: poesia, canções, orações, narrações, profecias, etc. A isto acrescenta a menção, em alguns livros do AT (1Rs, Est, 2Mac), de outros textos, não incluídos no cânon hebraico, mas que demonstram a existência de um grande conjunto de escritos referentes à história do povo escolhido. Desta forma, Israel aparece aos olhos do mundo como uma nação que possui uma grande coletânea de documentos antigos, fato que a torna não menos importante que outras civilizações antigas. Vale destacar que, dentre todos os escritos, o mais importante é “o livro da lei de Moisés”, que constitui a base da identidade israelita (p. 26).

O Pentateuco é o tema do terceiro capítulo da obra. O biblista belga afirma que os cinco primeiros livros da Bíblia for-

mam — por meio de genealogias, narrações e corpo legislativo — como que a “Constituição” de Israel. Com as genealogias, quer se demonstrar que os israelitas são, por meio de laços sanguíneos, os verdadeiros descendentes de Abraão. As narrações do Êxodo comprovam que os hebreus que permaneceram escravos no Egito são os antepassados da nova geração que possuirá a Terra Prometida. A legislação é o sinal da Aliança entre Deus e seu povo, feita num primeiro momento no Sinai e, mais tarde, nas planícies de Moab.

Depois de comentar, dentro do mesmo capítulo, os grandes patriarcas Abraão, Isaac, Jacó e José, Ska aborda o acontecimento do êxodo, pitorescamente chamado por ele de “declaração de independência” do povo israelita (p. 45), quando ocorre a sua experiência fundadora, o seu nascimento propriamente dito. Apesar dos vários incidentes e revoltas do povo, sua permanência no deserto durante quarenta anos lhe serviu para tomar consciência de seu estado de liberdade, recebendo de Deus, através de Moisés, suas próprias leis civis e religiosas.

A respeito da composição do Pentateuco — assunto muito abordado entre os biblistas —, Ska apenas referencia algumas obras que tratam mais amplamente desta tão discutida questão até os dias de hoje.

No quarto capítulo, o Autor estuda os livros históricos conforme a classificação hebraica: *profetas anteriores*. Não pretende dar uma introdução completa a tais livros, mas sim responder a uma pergun-

ta: existe um fio condutor desde a conquista da terra até o exílio babilônico, ou apenas o registro dos fatos mais significativos? Os grandes personagens da história de Israel são os profetas, e não os chefes militares ou os soberanos. Daí a justificação do título no cânon hebraico. São eles os verdadeiros guias do povo por meio da palavra; os reis, por sua vez, só terão êxito em suas funções na proporção da docilidade com que aceitarem as diretrizes desses porta-vozes de Javé. A causa da ruína dos reinos Norte e Sul foi o desinteresse por parte dos governantes em ouvir as advertências enviadas por Deus através de seus profetas (p. 68-69). Esta é, na opinião de Ska, uma das teses mais importantes desse bloco literário.

O quinto capítulo versa sobre os livros proféticos, ou os *profetas posteriores*, segundo a terminologia da Bíblia hebraica. Em que se diferenciam dos *anteriores*? Estes falam de um passado que ajuda a entender o presente, enquanto que aqueles procuram estudar o presente e assim melhor delinear o futuro. Por isso, é possível encontrar nestes livros temas de política, religião, situação internacional, entre outros. São homens muito ligados à vida pública de seu país, tendo, ao mesmo tempo, as suas vistas direcionadas para o porvir. Por não terem ouvido os conselhos dos profetas, os líderes do povo foram os responsáveis pela destruição da nação.

O penúltimo capítulo se dedica aos livros sapienciais. O Autor destaca a importância da reflexão, por parte de “mestres do pensamento” (p. 113), sobre

temas como a existência humana, o sentido da vida e da morte, o papel do sofrimento e tantos outros aspectos do cotidiano. Não se ocupa, porém, ao estudo de cada um dos livros desta categoria, limitando-se a curtos comentários aos Provérbios, Jó, Coélet (Eclesiastes), Sirácida (Eclesiástico) e Sabedoria.

Por fim, no sétimo e último capítulo, Ska investiga brevemente os demais livros, que não se encaixam nas categorias precedentes. São eles: Salmos, Lamentações, Baruc, Crônicas, Esdras e Neemias, Macabeus, Rute, Ester, Tobias, Judite, Jonas, Daniel e Cântico dos Cânticos.

Nos Salmos, por exemplo, o Autor entrevê uma coleção de orações para cada circunstância da vida humana, através das quais o fiel expressa seus sentimentos de alegria, gratidão, perplexidade, etc. Já nos livros das Crônicas ressalta o seu tom litúrgico e o interesse do cronista em apresentar Davi e Salomão sem os defeitos encontrados nos livros dos Reis. Tomando como base Ne 8, onde é feita a leitura pública da Torá, o Autor faz uma ligação muito interessante com outros dois textos: 2Rs 22-23, onde se narra a descoberta do livro da Lei no tempo do rei Josias, e Ex 24,3-8, trecho no qual se encontra

origem escrita da Torá em torno da aliança de Javé com seu povo no Sinai. Desta maneira o leitor percebe um nexos entre o tempo de fundação de Israel no deserto, a monarquia pré-exílica e a comunidade após o retorno do cativeiro babilônico, ficando patente que a identidade de Israel está intimamente ligada à Torá (p. 145). O livro de Daniel é caracterizado como “o único membro da família apocalíptica a obter um lugar na biblioteca nacional” (p. 158). De complicada interpretação é o Cântico dos Cânticos, “a poesia amorosa de Israel” (p. 160).

Em síntese, a obra de Jean-Louis Ska, com uma linguagem simples, introduz o leitor no contato com a riqueza dos escritos veterotestamentários, revelando, ao mesmo tempo, os vários matizes teológicos de cada livro, sempre de maneira sucinta, como, aliás, é característico entre os teólogos francófonos.

Por fim, este livro pode ser de muita utilidade para aqueles que já estão familiarizados com o texto sagrado, mas, sobretudo, para *os que conhecem pouco ou quase nada a respeito dele*.

Alejandro Javier de Saint Amant
(Professor – ITTA)

SICCARDI, Cristina. *Descobrir Hildegarda de Bingen. Mística, artista, mulher de ciência*. Trad. António Maia da Rocha. Lisboa: Paulinas, 2013, 227p. ISBN: 978-989-673-301-8.

A editora Paulinas teve a ótima iniciativa de fazer a tradução desta obra equilibrada, profunda, atraente e oportuna, que

mostra facetas surpreendentes de uma santa mística que merece ser mais conhecida e estudada.